

OS SÊLOS NOS VERSOS DE ALUIZIO AZEVEDO

Quando era consul em Vigo (Espanha) no Século passado, o poeta Aluizio Azevedo, recebeu um singular pedido de selos de um filatelista brasileiro: Dr. Rodrigo Octavio, então Ministro do Supremo Tribunal Federal, tendo Aluizio Azevedo, respondido com os seguintes versos:

“Pedistes selos?... Pois selos
Tereis os que apetecerdes,
Encarnados, amarelos
Azuis, e roxos, e verdes;
Te-los-eis grandes, pequenos,
A fartar postos à escolha,
Uns melhores, outros menos,
Uns velhos, outros em fôlha.
(Mandar prefiro os antigos,
De velhos, cansados povos,
Pois os selos, como amigos,
Mais valem velhos que novos).
Te-los-eis dos mais legítimos
desde o tempo dos Henriques,
Em réis, Centavos e cêntimos,
Em Shilings e em Peniques;
Te-los-eis com vários bustos;
Te-los-eis de vários anos,
De imperadores vetustos
E chefes republicanos;
Te-los-eis de vários gostos,
Firmados em línguas várias,
Mostrando diversos rostos
De personagens lendárias.
Rostos de moços e velho,
Que humildes povos incensam,
E de importantes fedelhos,
Que já reinam e inda não pensam;
De rainhas primitivas,
Que a nós só constam de história,
E d’outras que estão bem vivas,
Como a Rainha Vitória;
De Colombo e sua roda,
De Santo Antônio e do Papa,
Pois, depois que o sêlo é móda,
Já ninguém ao sêlo escapa.
Apenas, receio, amigo,
Que, à fôrça de mandar selos,
Fique eu doido, e vós comigo,
À fôrça de recebê-los!”

ALUIZIO AZEVEDO
Vigo, 14 de junho de 1896